

Perto do mar...

Rosana A. Fernandes* & José Menna Oliveira**

Resumo.

Em tempos de tirania da claridade e da velocidade, de exposição aos demasiados estímulos e informações presentes no Facebook, Twitter, Instagram, WhatsApp, e de uma exigência, cada vez mais crescente, de que estejamos todos online, em trabalho remoto, invariavelmente produzindo, viemos, com este ensaio, assinalar a assincronia entre o tempo das nossas vidas, o tempo do humano, e o tempo tecnológico, da internet, e do imperativo da produtividade. O esquecimento, o envelhecimento dos corpos e a rotina do trabalho criativo requerem paciência, modos de vidas compatíveis com os ritmos do planeta e dos corpos, atitudes afirmativas e ativas, silêncios, pausas, escuta sensível, e atenção ao prosaico. Este ensaio divide-se em três partes, cada uma associada a uma obra da filmografia de Agnès Varda: “As Praias de Agnès” (2008), “Visages Villages” (2017) e “Varda por Agnès” (2019). Varda gosta de gente, demora-se nos trajetos e nos encontros, nas conversas, e dá visibilidade aos mais diversos modos de vida. O ensaio bordejia o que tem força, ética e ontológica, para devir, afirmar um sagrado “sim” para o eterno retorno e o jogo da criação (Nietzsche, 2011); e isto é oposto àquilo que quer eternizar-se o Mesmo, subjugar a diferença, frear o fluxo da vida e da variação contínua, e que, portanto: passará.

Palavras-chave.

Esquecimento, envelhecimento, resistência, trabalho.

Abstract.

In times of clarity and speed tyranny, of exposure to many stimuli and information present on Facebook, Twitter, Instagram, WhatsApp, and an ever increasing demand that we are all online, working remotely, invariably producing, we came, with this essay, to point out the asynchrony between the time of our lives, the human time, and the technological time, the internet time, the productivity imperative time. Forgetfulness, the aging of bodies and the routine of creative work, these are things that need patience, ways of life compatible with the rhythms of the planet and bodies, affirmative and active attitudes, silences, pauses, sensitive listening, and attention to the prosaic. This essay is divided in three parts, each one associated with a work from the Agnès Varda filmography: “The Beaches of Agnès” (2008), “Visages Villages” (2017) and “Varda by Agnès” (2019). Varda likes people, lingers on journeys and meetings, talks, and gives visibility to the most diverse ways of life. The essay approaches what has ethical and ontological force to become, to affirm a sacred “yes” for the eternal return and the game of creation (Nietzsche, 2011); what is the opposite to that which wants to eternalize the Same, to subdue difference, to slow the flow of life and continuous variation, and that, therefore: will pass.

Key-words.

Forgetfulness, aging, resistance, work.

* Doutora em Educação pela UFPel, professora de Filosofia da Educação, da Faculdade de Educação da [UFRGS](http://www.ufrgs.br). Líder do Grupo de Pesquisa CABEÇA DE CRIANÇA: ARTE, EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E INFÂNCIAS - AEFI. Av. Paulo Gama, s/nº, Bairro Farroupilha, Porto Alegre, RS, Brasil. rosanafernandes.edu@gmail.com

** Médico psiquiatra, doutor em Neurociências pela UFRGS. Médico psiquiatra do Departamento de Atenção à Saúde da [UFRGS](http://www.ufrgs.br) e da Equipe de Saúde Mental Adulto da GDGCC/PMPA; Professor do curso de Psicologia da IENH. Av. Protásio Alves, 297, Porto Alegre, RS, Brasil. josemennaoliveira@gmail.com



*Todos esses que aí estão
Atravancando o meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!*

Mario Quintana

A maresia e as potências do esquecimento

*O céu fragmenta-se
num espelho quebrado.*

Abbas Kiarostami



Fotograma de *As Praias de Agnès* (2008), de Agnès Varda.

A praia mais próxima de Brasília é Ilhéus, que está a 1.309 quilômetros de distância. Na década de 1980, de 1990, ouvia-se falar de carros que vinham de Salvador e que não era bom comprar, por causa “da maresia, da maresia, a maresia” ... E essa palavra — maresia — ecoava na cabeça e não significava nada para uma brasileira que não conhecia o mar, nem a maresia... Mas, essa palavra tem cheiro, tem vento e o escuro do mar, ela fica na cabeça, ressoa, vem no sonho, e a gente presente nos filmes, na tela...

Juntemos, agora, mares, maresia, talvez Brasília, cinema, e Agnès Varda, que tinha praia dentro dela. “Se abrissemos as pessoas, encontraríamos paisagens. Mas se me abrissem a mim, encontrariam praias.” (Varda, 2008).



Varda, em “As Praias de Agnès”, dispõe velhos espelhos manchados em uma praia, finca-os na areia, cria estruturas para escorar alguns espelhos. Ela se diverte, e o mar banha os espelhos, mareja. “Este Mar do Norte e a areia são o meu princípio. O princípio daquilo que sei mais ou menos sobre mim” (Varda, 2008). Varda narra o princípio. A instalação de espelhos está concluída, e saindo da tela ouvimos a “Sinfonia Inacabada” de Schubert. “O mar sempre recomeçando” (Varda, 2008). O princípio da vida e suas mais recentes transformações coexistem na areia branca interposta entre a água e a primeira vegetação terrestre.

Aos 70 anos, Agnès Varda põe-se a fazer uma instalação na praia, com flores e conchas, algumas meninas estão vestidas como nas fotos de Varda, brincando de vender flores. O que fazem ali? “Não sei. Não sei o que significa reconstituir uma cena assim.... Conseguirá ela remontar-nos ao momento? Para mim, é o cinema, é um jogo” (Varda, 2008). E Varda brinca com o tempo, com as lembranças e com as imagens que rodam e quase se atualizam, quase... “As recordações são como uma nuvem de moscas. Pedacos desordenados de memória” (Varda, 2008). O retorno à casa da sua infância, em Bruxelas, à *Rue de l’Aurore*, não provocou nem lágrimas nem brincadeiras em Varda... “Diz-se que a infância é fundadora, que nos estrutura e não sei quê. Eu não estou muito ligada à minha infância. Não me serve de referência aos pensamentos, não é uma inspiração...” (Varda, 2008).

Ao longo de dez anos, em sua juventude, Varda passou com a Família Schlegel todos os verões. Os pais e as três filhas moravam em uma casa, cuja varanda dava de frente para o barco que Agnès morava com a mãe e os quatro irmãos, durante a segunda guerra. Na ocasião da gravação do filme “As Praias de Agnès”, Varda reencontra duas das três irmãs. Varda pergunta para Suzou: “Lembra-se do que era a pesca?”. Suzou responde: “Lembro-me, sim..., mas vagamente. Sabe,

é que tenho 82 anos. A memória vai me falhando”. Depois, Andrée, irmã de Suzou, recita Paul Valéry, “o cemitério marinho”, Andrée tem na poesia a memória... “De há uns tempos para cá, Andrée tem vindo a perder a memória. Aquilo que ela melhor recorda é a poesia” (Varda, 2008).

A maresia é curativa, mas também racha, fende o que tem que ser aberto. O que ela cura? O que ela fissa? Seja como for, ela atua nos corpos, e os corpos não ficam livres das forças e das potências da maresia. O que a maresia desencadeou nos corpos da Andrea, da Márcia, da Ilka, da Raylane, da Fabrícia, da Giovana, e no meu corpo? “O tempo passou e passa, exceto nas praias que não têm idade” (Varda, 2008). As amigas tornaram-se uma família naquela praia, riram, comeram juntas, fizeram festas, choraram, deram conselhos umas para as outras, se cuidaram, deram remédios umas para as outras, ombros e vinhos, partilharam a vida. Quantas insanidades, desejos e medos ocultos estão contidos na ordem das coisas cotidianas, que somente aos amigos-família nós damos? Aos 82 anos, o que cada uma de nós, amigas de Aracaju, terá guardado de cor, o que contaremos, o que ainda ressoará, fará sentido, terá força para trazer um sorriso, um suspiro, um brinde? “A família é um conceito, algo compacto. Não paramos de os reagrupar mentalmente, de os imaginar como uma ilha de paz” (Varda, 2008).

A maresia não cicatriza, mas acelera a ação do tempo sobre feridas, dores, decepção. Aquieta a ansiedade, desfaz presunções e excelências. Sobre a mesa depositam-se mais do que partículas de sais, e de água. A maresia lima o excedente. O embaçamento é aparente. A maresia lava o coração, os sentidos, a memória. A maresia corrói. A maresia movimenta esquecimentos e atrai lembranças puras (Bergson, 1999). Percute a corda do violão, faz ranger fechaduras, armários e portões. Acende, no espelho, outras potências: o que escapa? o que se entrevê? o que Cléo vê no espelho? A maresia fende, desbota, penetra.



E é porque a maresia oxigena retratos e imagens-lembranças (Bergson, 1999) que a cena esquecida é reavivada. A maresia une amigas. A vida e o acaso levam as amigas, e a maresia é generosa, gruda nos corpos, liga as amigas. A maresia tem semelhanças com o cerrado, talvez um tipo de horizonte, uma vastidão, uma distância, uma longitude.

Frente ao pathos da transparência que domina a sociedade atual, seria necessário exercitar o pathos da distância. Vergonha e distância não podem ser integradas no círculo veloz do capital, da informação e da comunicação, para que não sejam eliminados, em nome da transparência, os lugares de refúgio discretos, tornando-se iluminados e saqueados. (Han, 2017: 15).

Quem mora próximo ao mar está sempre acompanhado. O mar tem seus sons, seu vento, que entra nas casas, inunda os corpos e traz o inesperado, ensina que não está tudo posto, proporciona a noite que falta nas cidades, nas casas. O mar é escuro, é vasto, inopinado, tormenta impérios, afunda vaidades, arrogância, rancores. O tempo distende-se. O mar guarda a solidão, é suficiente. O mar abriga o solitário. O solitário ouve o mistério, cala. O solitário volta para casa, e dá comida aos gatos, anoitece. A noite e o mar embalam o sono solitário, vigiam. “Um homem que olha o mar é um Ulisses, que nem sempre quer regressar à casa. Todas as crianças que amo e todos os homens que olham o mar são para mim Ulisses” (Varda, 2008).

Urge aplicar dias ao ócio, os olhos à página branca, cantar, dançar, escrever, narrar, contar histórias, fabular. Um circuito de células neurais conectadas —um pensamento, talvez. E, quantas vezes, nos caminhos por onde os pensamentos vão, é preciso desconectar, porque a imagem-lembrança reiterada pesa, inclina o navio e atrofia os caminhos? Um trajeto quer rastros, rostos, experimentações cartográficas. No transcorrer de uma vida há estações para se

chegar, e não se parte sem alguma forma de ruptura. Nas estações há esquecimentos, e recordações também. Na vigência do esquecimento, há o embaralhar das forças operantes, a entropia do universo torna-se mais participante, o branco retorna à página, e o excesso de luz se põe, dando um pouco de descanso à vista; resgata-se o silêncio, o distanciamento e o vazio necessários ao pensamento e à vida criativa.

Ali, onde os corpos se expõem à maresia, também age um procedimento higiênico. O fenômeno do esquecimento, em sua síntese mais salutar, revigora, apaga rancores. O esquecimento atua no desfazimento de ressentimentos (o triunfo das forças reativas), impede que a gente caia nas armadilhas e nas fossas das forças reativas, da inveja, da vingança, do ciúme, do despeito, e afins. O ressentimento e o ódio deixam as pessoas que os sentem paradas, estacionadas em um espaço-tempo; pesadas, com muita carga, elas já não caminham, dão voltas em torno das mesmas questões, voltam sempre ao ponto do ressentimento, não alçam voos... O ressentimento pesa como cimento, apequena e envenena os corpos. “O homem do ressentimento não é franco, nem ingênuo, nem honesto e reto consigo. Sua alma olha de través; ele ama os refúgios, os subterfúgios, os caminhos ocultos” (Nietzsche, 2009: 27). E, se quiséssemos, poderíamos nos deter, aqui, nas *fake news*, nos vídeos *fake*, nos *deepfake*, ferramentas e dispositivos utilizados pelo homem do ressentimento. E, aí, entrevemos, novamente, Brasília... Mas, voltemos às forças ativas, à vida e à criação:

Não conseguir levar a sério por muito tempo seus inimigos, suas desventuras, seus malfeitos inclusive —eis o indício de naturezas fortes e plenas, em que há um excesso de força plástica, modeladora, regeneradora, propiciadora do esquecimento (no mundo moderno, um bom exemplo é Mirabeau, que não tinha memória para os insultos e baixezas que sofria, e que não podia desculpar, simplesmente porque — esquecia).



Um homem tal sacode de si, com um movimento, muitos vermes que em outros se enterrariam. (Nietzsche, 2009: 28).

Os atributos mais complexos da memória são: o esquecimento e a fabulação. Segundo Han, “Não é raro que a *negatividade* do abandonar e do esquecer tenha um efeito produtivo” (Han, 2017: 17). O esquecimento pode ser útil, por exemplo (Nørby, 2015): [1] à regulação das emoções, na medida em que emoções associadas a eventos desprazerosos tendem a declinar, com o tempo, em relação a emoções associadas a eventos prazerosos (o chamado *fading affect bias*, uma das explicações possíveis para, de um modo geral, pessoas relatarem que “são felizes com suas vidas”) (Walker, 2003); [2] à estruturação das cognições, permitindo, durante a aquisição do conhecimento, a filtragem de informações falsas, irrelevantes ou redundantes (além de uma participação do esquecimento durante o aprendizado, quando da transformação de memórias episódicas em memórias semânticas, no processo de abstração, e quando da transformação de memórias declarativas em procedurais); e [3] à adaptação a determinado contexto, na medida em que, do vasto repertório de memórias que um indivíduo dispõe, tendem a ser recrutadas aquelas mais úteis a cada contexto específico (Nørby, 2015). “Era o problema da mamã e a sua liberdade. Ela enganava-se, a memória traía-a. Baralha os nomes dos filhos e dos seus irmãos e irmãs. Quem a obrigava a corrigir-se? Ela tinha o direito de divagar” (Varda, 2008).

Em tempos de excessiva claridade, de uma visibilidade pornográfica e invasiva, faz-se pertinente um convite ao recolhimento, à reserva, e ao silêncio. Conforme Han, em “Sociedade da Transparência”,

A alma humana necessita naturalmente de esferas onde possa estar junto de si mesma, sem o olhar do outro. Pertence a ela uma impermeabilidade. Uma total ‘iluminação’ iria carbonizar a alma e provocar nela uma espécie de burnout psíquico (Han, 2017: 13).

A luminosa e constante conexão que nos recruta, através de diversos dispositivos, tanto tecnológicos como sociais, causa um esgotamento, um exaurir-se de forças, potências, ideias...

A maresia acompanha os corpos, o envelhecer — o esquecimento.



O tempo dura, atua, é intempestivo

*Pelas veredas de uma serra
segue um velho camponês
ao longe a voz de um jovem.*

Abbas Kiarostami

159

Transnacionales



Fotograma de *Visages Villages* (2017), de Agnès Varda.

Em *Visages Villages* (2017), Agnès Varda junta-se ao artista plástico JR e empreende um passeio por pequenas aldeias da França. No percurso, dialogam com a população local, descobrem belas histórias—Jeanine, a última moradora de uma vila de mineiros, que se recusa a deixar sua casa; Françoise, produtora leiteira tradicional, que cria 60 cabras e se recusa a tirar-lhes os chifres para aumentar a produção de leite; e tantos outros—, conversam com as pessoas, fotografam e fazem as colagens que trazem para o cotidiano das pessoas a alegria do humor, as belezas da arte, o inusitado da criação. As imagens são ampliadas numa escala de várias vezes o tamanho original, de modo a se obterem fotografias, frequentemente alcançando as dimensões de um prédio com vários andares. Elas são impressas, e coladas em paredes de casas, muros, na superfície de inúmeros containers empilhados em um porto, porque a arte deve ser gratuita para todos.

Varda: —Agrada-me a espontaneidade da aventura. Sobre o projecto... Mas que vamos nós fazer?

JR: —Vamos fazer imagens, juntos, mas de maneira diferente. Partir. Estás disposta a partir?

Varda: —Sim, estou sempre disposta a partir se vamos ao encontro de aldeias, de paisagens simples, de rostos. (Varda, 2017).

Varda explica o procedimento adotado: “É como um jogo. Na verdade, o JR corresponde ao meu mais profundo desejo. Encontrar novos rostos, fotografá-los, para que não caiam logo nos buracos de minha memória” (Varda, 2017). Varda e JR lidam de uma forma criancieira com o esquecimento, afirmam um sagrado “sim” ao eterno retorno e à criação. Na ocasião do filme, Varda tem 88 anos, e JR, 33. Varda tem uma lentidão, e JR uma agilidade, os percursos dos dois, num caminhãozinho pela França, são de



resistência e de interesse pela vida das pessoas, pelo dia-a-dia, e pelos rostos de cada um. “Cada rosto conta uma história” (Varda, 2017).

Ao chegarem numa fábrica, eles reúnem os funcionários de todos os setores, para as fotografias e as instalações. Entre eles, um senhor, em seu último dia de trabalho, que diz pra Varda e JR: “É o meu último dia de trabalho. Vou entrar na pré-reforma... Tenho a impressão de ter chegado ao fundo de uma falésia e de que esta noite vou dar um salto no vazio”. O que muda, no sistema nervoso de um corpo envelhecido, em relação ao modo como o entorno ali se inscreve? Em que difere o modo como o passado se atualiza, se tomarmos em comparação o sistema nervoso de um corpo jovem e o de um corpo envelhecido? O que muda na vida de uma pessoa que por toda vida foi ao trabalho, e que na velhice chega à aposentadoria? O que é voltar para casa, estar em casa aposentado, será outra casa, a mesma casa? O que é a aposentadoria para aquele funcionário no seu último dia de trabalho, que desafio é esse? Há aqueles que devém no tempo, e se metamorfoseiam, e para esses a aposentadoria pode não ser uma espécie de morte; mas há, também, o medo, o vazio, a solidão.

Mais adiante, Varda e JR encontram outro senhor, de 75 anos, Pony. Ele mora como que em um bosque, em meio ao “reino” que ele mesmo construiu com sucatas e objetos recolhidos pelas ruas. “Não tenho uma grande reforma, mas desenrasco-me. E quando envelhecemos deixamos de comer tanto como antigamente. Deixamos de fazer refeições de manhã, à tarde e à noite. Comemos quando temos fome” (Varda, 2017). Pony é um senhor sorridente,

que gosta do que tem, sobretudo, gosta da liberdade que ele tem ali naquele “reino”. Escutando Pony, de alguma forma, lembramos da presença e da integridade dos indígenas que conhecemos no Rio Grande do Sul, Guarani Mbyá e Kaingang, da autoridade (no sentido arendtiano desse conceito) e da importância dos mais velhos nas aldeias, da dignidade, do prestígio conferido aos mais velhos. Nessas comunidades indígenas todos escutam o mais velho, querem que ele dure, viva mais, há muito para os mais velhos ensinarem com as suas histórias, os recém-chegados precisam escutá-los. A velhice é alegria, é honra, é uma bênção. Nas cidades, contrariamente, é comum os velhos perderem suas liberdades, serem postos reclusos nas casas, serem tratados como crianças pequenas; as suas palavras não interessam ou são tidas como ultrapassadas. Talvez por isso Pony tenha nos lembrado os indígenas, em seu “reino” ele não tinha de tudo, alguns diriam até que ele não estava “bem cuidado”, etc., mas, ali, ele tinha preservada a sua liberdade. Os velhos indígenas que conhecemos têm liberdade e poder de ação, são escutados e suas histórias criam fogueiras, noites, rios, onças, aprendizados. Esses indígenas riem e brincam — os velhos e os novos — com uma espontaneidade e uma naturalidade surpreendentes.

Hoje, no limiar da terceira década do século XXI, vivemos uma tirania da produtividade, do corpo jovem e da visibilidade (Han, 2017), onde o imperativo do liso se aplica também às rugas da pele no corpo humano. Deparamo-nos com o ideal anti-humano de que um corpo não deve envelhecer, dado que não há lugar na sociedade para o sujeito entrado em anos:

*Quand j'étais vieille et trop laide
Vous me jetiez au rebut
Vous me refusiez votre aide
Quand je ne vous servais plus*

Sylvestre, 1975¹

¹ Une Sorcière Comme Les Autres (Uma Feiticeira Como As Outras), de Anne Sylvestre (1975). Em tradução livre: “Quando era velha e feia / Me jogavam no lixo / Recusavam-me ajuda / Quando eu não servia mais.” Uma belíssima versão desta canção, com Pauline Julien, pode ser acessada [aqui](#).



A morte, o esquecimento, o desaparecimento, são fenômenos naturais, esperados ao longo de uma vida. Contudo, como podemos vivenciá-los de modo ético e digno? O que dizer sobre o transhumanismo? De que modo o pensamento pode nos fortalecer, e aumentar nossa potência quando nos deparamos com a finitude da vida, com a limitação física à mobilidade dos corpos infligida pela idade? Que ideias, que conceitos, nos serão alimento nesse processo? Que tratamento desejamos e podemos dar a essas questões tão antigas, pertinentes ao ciclo vital?

A conversa com Françoise, a criadora de cabras, considera muitas dessas questões contemporâneas:

Françoise: —As cabras adoram brincar, saltar nos troncos. É o recreio delas. São livres de irem e virem. Têm vários hectares só para elas.

Varda: —A senhora tem um dos poucos rebanhos em que as cabras têm cornos.

Françoise: —A meu ver, se uma cabra tem cornos, deve ficar com os cornos. Não sou eu quem lhos vai tirar. Isso parece-me... Não creio que haja uma explicação lógica, a menos que os consideremos como um produto de que se espera uma taxa de rentabilidade. Para tal, eliminam-se os parâmetros que a podem reduzir e cortam-se-lhes os cornos. Queimam-se e já está. Mas se quisermos respeitar os animais, é preciso respeitar-lhes a integridade. Se têm cornos, ficam com eles. Elas lutam entre si. Os seres humanos também lutam entre si. Portanto... (Varda, 2017).

Os trajetos de Varda e de JR aproximaram corpos, idades, anseios e desejos, e, sobretudo, cruzaram as vidas das pessoas levando a pausa da arte, da escuta, das conversas. Eles se importam com as pessoas, gostam dos lugares, olham e ressaltam as belezas cotidianas presentes em cada corpo, e em cada lugar. Vão também à praia *St-Aubin-sur-Mer*,

encontrar um *bunker* alemão que havia caído de um penhasco. Nesta mesma praia, Varda esteve com alguns amigos em 1954, e tirou fotos do amigo Guy Bourdin, que morreu novo. Varda e JR resolveram colar uma dessas fotos no *bunker*, em um gesto de atenção à vida e à morte.

Varda: —Não podia ter desejado nada melhor para o Guy. Aqui está ele, como uma criança no berço. Descansa em paz.

Na manhã seguinte, fomos lá ver. A maré tinha levado a imagem.

JR: —Estou habituado às imagens efêmeras. Mas o mar não perdeu tempo.

Varda: —O mar tem sempre razão. E o vento, e a areia. A imagem tinha desaparecido. Também nós desapareceremos. (Varda, 2017).

Em meio a tantas abordagens contemporâneas da produtividade e burburinhos do Facebook, Instagram, WhatsApp, retornar a Varda é um alento, uma alegria, um aprendizado. Vemos uma velha falante, que exhibe seus sorrisos, seus devires, e o seu corpo enrugado, que brinca enquanto nos diz de sua percepção a respeito do tempo, da beleza, e daquilo que interessa, e vai durar (Bergson, 2005)...

Varda: —O que mais gostei foi termos conhecido pessoas espantosas casualmente.

JR: —Preferes então continuar assim, sem plano, sem itinerário?

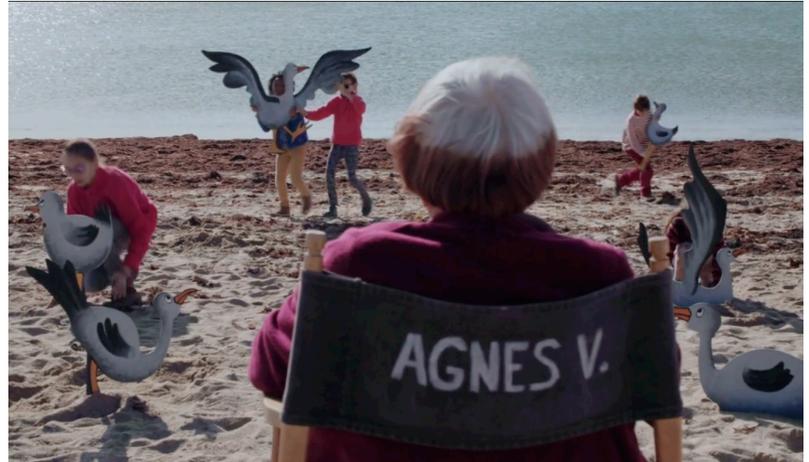
Varda: —O acaso sempre foi o meu melhor assistente. (Varda, 2017).



Trabalhar, manter-se íntegro e estar atento ao inesperado

As abelhas operárias interrompem o trabalho para um doce prorear em torno da abelha-rainha.

Abbas Kiarostami



Fotograma de Varda por Agnès (2019), de Agnès Varda.

Varda, em “Varda por Agnès” (2019), narra detalhes do seu trabalho, os procedimentos, os desafios, as compreensões, os métodos. Sua atitude e generosidade, diante de uma longa plateia, é de uma mestra, uma sensível professora-cineasta. Ela dá dicas, explica, conta, expõe traços e mecanismos de suas composições, ela partilha.

Quero contar o que me levou a fazer este trabalho por todos esses anos. Três palavras são muito importantes para mim: inspiração, criação e compartilhar. A inspiração é a razão pela qual se faz um filme. As motivações, ideias, circunstâncias e eventualidades que acendem o desejo de fazer um filme. A criação é como fazemos o filme. Com que meios, que estrutura? Sozinha ou não? Em cores ou não? A criação é o trabalho. A terceira é compartilhar. Não fazemos filmes para assistir sozinhos. Fazemos filmes

para mostrá-los. Vocês são a prova viva disso. Essas três palavras me guiam. (Varda, 2019).

Varda apresenta a repetição presente em seu trabalho de criação, e a paciência necessária para criar, e as inúmeras vezes que foi preciso voltar, por exemplo, à cena com Yanco Varda: “É filha de Eugène Varda?; “É filha de Eugène Varda?; “É filha de Eugène Varda?”... Mostra o poder do humor e da força ativa. O seu trabalho está sempre atento ao que se passa no mundo, ao que precisa ser problematizado, posto, abordado.

Ouvimos e vimos os procedimentos de Agnès Varda repetidamente. Nestes últimos meses, vimos muitas vezes os seus filmes, para nos encharcarmos do humor, da arte, e exercitarmos um pensar criativo, não reativo. Um pensar que nos ofereça alternativas que escapem ao ressentimento — este,



o ressentimento, afeto tão possível, e tão limitante, venenoso. “Praias são locais de inspiração. Um escape mental. Há os três elementos. Céu, mar e terra. Aqui, a terra é a areia e as algas” (Varda, 2019).

À medida que nos aproximamos da conclusão deste ensaio, uma mudança radical na rotina e nos repertórios afetivos, imagéticos, cognitivos se instala com veemência no Brasil, e no mundo. A pandemia do novo coronavírus, no curso de poucas semanas, se torna um acontecimento assustador, de proporções históricas. Nos veículos de imprensa é praticamente o único assunto. Os governos tentam proteger a população com variações em torno de um mesmo procedimento: o isolamento social. Aqueles que implementam medidas de isolamento mais precoces, e mais duras, parecem ter maior êxito em retardar a disseminação do vírus, que, contudo, se mostra inexorável. Um medo concreto, palpável, até há pouco inédito, se materializa perante os indivíduos, as famílias, a sociedade.

Rapidamente privados de suas rotinas, os sujeitos se veem confinados ao domicílio, e convocados ao desafio da imersão em tempo integral no espaço doméstico: ali, devem ter paciência, realizar *home office*, manter a casa limpa sem auxílio da faxineira, preparar as refeições de modo minimamente saudável, tolerar um confinamento solitário ou conviver em tempo integral com familiares que costumavam encontrar em apenas uma parte do tempo. Aqueles que têm filhos, recebem várias sugestões de atividades didáticas enviadas pelas escolas. Educadores físicos disponibilizam vídeos na internet sobre como manter o corpo saudável no confinamento. Profissionais de saúde mental propõem a seus pacientes atendimento remoto (vídeo ou teleconferência por Skype, WhatsApp, etc.). Instituições particulares de nível superior mantêm as aulas num modelo híbrido improvisado de educação à distância e aulas remotas. Artistas fazem *lives*, instituições culturais disponibilizam seu

conteúdo privado para acesso livre. Recebemos por inúmeros canais uma enxurrada de “dicas” sobre como viver bem na quarentena, como organizarmos nosso tempo, etc., etc., etc.

Em outros tempos, ou comunidades, como as comunidades rurais ou quilombolas, haveria essa profusão de vídeos e textos compartilhados para dizer e apontar o que fazer em família, em casa, e com as crianças? Por que tanta movimentação e discursos para ensinar os corpos o que fazer em casa? Por que tanta inquietude? O que é, de fato, imprescindível na vida de cada um de nós? Por que mesmo nos encontrando em uma conjuntura que nos impõe e nos pede um pouco de pausa, de reclusão, de passividade, muitos de nós, justamente, aumentou a quantidade de ações, conexões, de atividades?

Existe um inelutável (e ridículo) imperativo do fazer barulho, de debater-se na camisa de força, de produzir informação ruidosa mesmo que seja aos gritos, de modo tortuoso, enviesado, redundante. Uma ordem do dia para palrear, à revelia de tudo. Inevitável recordar Kundera, em “O livro do riso e do esquecimento” (1987). Ele nos conta um sonho da personagem Tamina, em que ela está de pé, encostada em uma cerca de arame, em frente a um grupo de avestruzes:

Diante dela estão seis pescoços compridos encimados por minúsculas cabeças com bicos achatados que se abrem e fecham sem ruído. Ela não os compreende. Não sabe se os avestruzes a ameaçam, a alertam, a encorajam ou imploram. [...] Tamina nunca saberá o que vieram lhe dizer esses grandes pássaros. Mas eu sei. Eles não vieram nem para preveni-la, nem para chamá-la à ordem, nem para ameaçá-la. Eles não se interessam absolutamente por ela. Vieram todos para lhe falar de si. Todos para lhe dizer como comeram, como dormiram, como correram até a cerca e o que viram atrás.



Que passaram sua importante infância na importante cidade de Rourou. Que seu importante orgasmo durou seis horas. Que viram uma mulher passear atrás da cerca e que ela usava um xale. Que nadaram, ficaram doentes e depois ficaram bons. Que andavam de bicicleta quando moços e que hoje comeram um saco de capim. Colocam-se todos diante de Tamina e falam-lhe ao mesmo tempo, com veemência, com insistência e com agressividade porque não existe nada no mundo mais importante do que aquilo que eles querem lhe dizer (Kundera, 1987: 120).

Em tempos do novo coronavírus, um discurso incessante e recorrente nada mais faz que tentar perpetuar o Mesmo, subjugar a diferença, dar seguimento aos mecanismos desenfreados e imediatistas de ação-reação, ação, ação, e ansiar que “a normalidade” volte. Talvez, o que melhor possamos fazer, neste momento, seja guardar o silêncio, escutar, ler, estudar, escrever, buscar criar respostas para o que se coloca diante de nós; lembrando, com a ajuda de Jacques Derrida (cf. 2004), que dar uma resposta não é o mesmo que reagir. E fazer tudo isso com especial atenção a um silêncio íntimo, cultivando um estado contemplativo em nossas atividades de relação com o mundo; fazê-los com o mínimo de ruído, despojando-nos da pervasiva vaidade que nos faz esperar o *like*. “Eu também, quando estou sozinha perto do mar, sinto melhor as coisas. Embora eu adore me refugiar no mar, sei que o mundo está cheio de guerras, violência, sofrimento e divagações” (Varda, 2019).

Ainda não trilhamos a cronologia que oxalá nos permitirá apreender e examinar, sob a perspectiva da distância, o atual momento histórico. Mas, talvez, os presentes acontecimentos nos sinalizem uma ocasião (ou, mais que isso, uma *oportunidade* que nos está sendo concedida, uma espécie de *trégua*) para fazermos avaliações e modificações em nossos

repertórios, rotinas e funcionamentos, urgentes para a sustentação das nossas vidas em sociedade; parar, pausar; deixar espaço-tempo para escutar o que os sinais do mundo estão nos dizendo; decifrar signos. Temos que lidar com temas pendentes como os modos de vida predominantes, adoecedores e uniformizantes; a desigualdade social e o aquecimento global, que dizem respeito à viabilidade da vida no planeta.

Agora vamos contar uma pequena história, que ocorreu um pouco antes da pandemia. Era um fim de tarde quente, meados de janeiro em Porto Alegre. Uma menina, em vias de completar seis anos, acabara de embarcar com seu pai e sua prima adolescente em um táxi, com destino à orla do Guaíba. Lá, encontrariam a mãe e uma amiga-prima, todos veriam o pôr do sol, programa tradicional da cidade, e a menina brincaria em seu patinete. No embarque, o patinete fora colocado no porta malas do táxi, e alguns instantes após o desembarque, quando o táxi já se encontrava distante, de súbito todos perceberam que ali havia permanecido. Choro, desespero, sentimento de injustiça, em uma fração de instante deixar de ter um brinquedo querido, melancolia, culpar-se a si próprio pela desatenção com algo tão importante para a filha, silêncio: tudo sucedeu, simultaneamente, nos três ex-passageiros.

Com auxílio da mãe, que perguntara por alguma inscrição no veículo que o identificasse, o pai recordou que, ao embarcar, lera por acaso a indicação de um ponto fixo: Hospital x... E, imediatamente, pesquisou o número telefônico na *web*, e falou com outro motorista que ali trabalhava. Descreveu algumas características do veículo e algumas poucas informações pessoais compartilhadas pelo motorista no percurso (por exemplo, este relatara aos passageiros que recentemente, sexagenário, estava tendo, pela primeira vez na vida, a experiência da paternidade) e, com isso, se chegou ao nome e prefixo do provável motorista. À descoberta, contudo,



segiu-se uma informação desalentadora: ele não frequentava o ponto há mais de um ano, talvez fosse difícil localizá-lo.

No dia seguinte, acessando a página na internet do sistema que controla o serviço de táxis na cidade, e inserindo o prefixo do motorista, fornecido pelos colegas de ponto, o pai visualiza a foto do motorista, e confirma que, realmente, fora ele quem os conduzia. Com esperança redobrada de contactá-lo e reaver o patinete, faz contato com a empresa de transportes, a qual assume a incumbência de localizá-lo, informá-lo do acontecido, e colocá-lo em contato com a família interessada. A empresa, contudo, em seguida retorna a ligação, informando que os números telefônicos presentes no cadastro estão desatualizados, que o motorista provavelmente está em situação irregular, e que não é possível estabelecer contato com ele.

Existem mais de seis mil táxis cadastrados em Porto Alegre. Estamos acompanhando a busca de um específico, que não frequenta seu ponto há mais de um ano, e do qual a empresa reguladora não tem um contato atualizado... Em nova ligação para o ponto do Hospital X..., o pai é informado de que o citado motorista por vezes utiliza um ponto livre no centro da cidade, em determinado endereço. No dia seguinte, o pai vai até lá, e aborda diversos veículos estacionados, na esperança de encontrar aquele em cujo porta malas estaria o patinete, ou alguém que o conhecesse e pudesse facilitar uma aproximação. A ação, é infrutífera: o pai descobre que um ponto de táxi livre em uma capital tem grande rotatividade de veículos, compreende que nenhum dos trabalhadores abordados parece conhecer o motorista procurado, e que a chance de, naquela manhã, aquele sujeito ingressar na fila de veículos que rapidamente se renova, é pequena.

Tem início então uma busca fora do ambiente profissional. De posse do nome do sujeito, o pai o

procura em redes sociais — e o localiza! Escreve a ele, então, após solicitar-lhe amizade, descrevendo o ocorrido, e propondo combinarem uma corrida para a entrega do patinete. A resposta tarda, e não vem. Consultando a *timeline* do sujeito, o pai constata que a última postagem fora há muitos meses, o que sugere um uso muito esporádico das redes. Tenta-se, então, um contato com os familiares do motorista. Em diversas mensagens se repetia a mesma narrativa: “cheguei ao seu nome através do perfil de Fulano de Tal, acredito que sejam familiares, estou tentando contactá-lo, pois no dia tal fiz uma viagem em seu veículo e esqueci o patinete de minha filha etc., etc.” Nenhuma dessas tentativas de contato resulta em alguma forma de retorno, exceto uma, que avisa tratar-se de um parente distante, com quem não conversa há anos, mas que de toda forma tentaria descobrir alguma informação sobre seu paradeiro.

Após três dias da perda do patinete, o pai vai pessoalmente à sede da empresa, na esperança de assim obter alguma informação adicional sobre o motorista buscado. Para atendimento inicial, entra em uma fila de consideráveis proporções, que se estende para fora do prédio onde o atendimento é prestado. Quando chega sua vez, é informado de que esse tipo de serviço é prestado em outro setor. Desloca-se até o setor indicado, e encontra uma sala repleta, com aproximadamente trinta ou quarenta motoristas de táxi, que aparentemente estão ali para regularizar alguma questão administrativa. A impressão é que a maioria está aguardando há um bom tempo, dadas as expressões de cansaço. A maioria tem em mãos números de senha, papéis impressos e documentos pessoais. O pai aguarda uma espécie de triagem, desta vez em uma pequena fila, com apenas duas ou três pessoas à sua frente.

Nesse íterim, observando o ambiente, percebe, ao fundo da sala, em um dos vários guichês de atendimento, um sujeito que inicialmente lhe parece familiar. Em seguida, tem a impressão de que ele se



parece com o motorista por quem procura. Aproximando-se, entre incrédulo e antecipadamente agradecido, constata que está ali, à sua frente, exatamente o motorista que lhe conduziu há três dias. Por uma extrema sincronia aconteceu de aquele sujeito estar tratando de assuntos relativos ao exercício de sua profissão na mesma sala, no mesmo dia e no mesmo horário, em que havia também ali uma outra pessoa profundamente interessada em localizá-lo.

Rapidamente o pai foi informado de que o patinete estava guardado, e tão logo o motorista finalizou seus compromissos, ambos realizaram uma nova corrida de táxi até a residência do motorista, de modo a reaver o patinete perdido. O que se conversou no trajeto, é digno de uma narrativa à parte. Digamos somente que o passageiro ouviu muitas histórias, e que se viu, quase constantemente, buscando uma explicação, uma espécie de sentido oculto, ou uma espécie de “lição de vida”, naquele encontro. De toda forma, o fato é que, depois de alguns dias do episódio, a menina comemorou seu aniversário, em que ingressava no sexto ano de vida, novamente de posse de seu patinete. Pouco depois, veio a quarentena, e nunca a felicidade se pareceu tão comparável a passear de patinete ao ar livre.

Por que a família não optou por comprar outro patinete “igual”, o “mesmo”? Não há tantos patinetes “iguais” nos *sites* de compras na internet? Não, não há, porque o patinete perdido tinha o amor da tia que o presenteou — e foi assim que a criança se referiu ao patinete. O amor o diferencia dos demais. “O amor nos expõe a um risco muito grande, mas esse risco é proporcional ao preço incrível que conferimos a alguém” (Nancy, 2012: 22). Aquele patinete é como a rosa do príncipezinho (Saint-Exupéry, 1996) — de quem a menina de quase seis anos está começando a gostar.

Na vida e no trabalho são necessários confiança, persistência e entrega. O acaso atua, está sempre presente, nunca está tudo estabelecido, definido e encerrado de uma vez por todas. A gente deve esperar o inesperado. “Se não esperar, não encontrará o inesperado, sendo não encontrável e inacessível” (Heráclito, 2002: 78). Trabalhar, estudar, nos envolvermos com o material e as sensibilidades de nossos trabalhos, persistir, e esperar o inesperado. O humor é uma forma de resistência, e é saúde buscar exercitar o humor e o pensamento criativo nos nossos trabalhos, e nas nossas vidas. O ressentimento pesa e atrofia. O humor ri, faz rir, moleculariza, quebra os enrijecimentos e as molaridades, joga o jogo da criação, brinca, ensinar o brincar. O esquecimento confia e libera o coração. O trabalho deve seguir adiante, cuidadoso, atento, honesto e dançarino, como em Nietzsche.



Referências

- BERGSON, H. (1999). *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes.
- BERGSON, H. (2005). *A Evolução Criadora*. São Paulo: Martins Fontes.
- DERRIDA, J. (2004). *Papel-máquina*. São Paulo: Estação Liberdade.
- HAN, B. (2017). *Sociedade da transparência*. Rio de Janeiro: Vozes.
- HAN, B. (2019). *A salvação do belo*. Rio de Janeiro: Vozes.
- HERÁCLITO (2002). *Heráclito: fragmentos contextualizados*. Rio de Janeiro: DIFEL.
- KIAROSTAMI, A. (2018). *Nuvens de algodão*. Belo Horizonte: Editora Âyiné.
- KUNDERA, M. (1987). *O livro do riso e do esquecimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- NANCY, J.-L. (2012). *Amor, o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola.
- NIETZSCHE, F. W. (2009). *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras.
- NIETZSCHE, F. W. (2011). *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Companhia das Letras.
- NØRBY, S. (2015). Why Forget? On the Adaptative Value of Memory Loss. *Perspectives on Psychological Science*. Vol 10(5): 551-578.
- QUINTANA, M. (2005). *Caderno H*. São Paulo: Globo.
- SAINT-EXUPÉRY, A. (1996). *O pequeno príncipe*. Rio de Janeiro: Agir.
- WALKER, W., SKOWRONSKI, J. & THOMPSON, C. (2003). Life Is Pleasant – and Memory Helps to Keep It That Way! En: *Review of General Psychology*. Vol 7 (2): 203-210.

Filmografia

- AS PRAIAS DE AGNÈS. Direção: Agnès Varda. França, 2008.
- VISAGES VILLAGES. Direção: Agnès Varda. França, 2017.
- VARDA POR AGNÈS. Direção: Agnès Varda. França, 2019.

